

Dr. Robert C. Newman, Evangelhos Sinópticos, Aula 1, Pesquisa Histórica sobre Jesus

© 2024 Robert Newman e Ted Hildebrandt

Bom dia. Esta é uma gravação do meu curso de Evangelhos Sinópticos, ministrado diversas vezes no Seminário Teológico Bíblico nos subúrbios da Filadélfia. Se Deus quiser, tentaremos cobrir cerca de 12 grandes tópicos aqui.

Vamos começar com o Jesus histórico, examinar um pouco as visões teológicas de Jesus e, em seguida, as visões supostamente históricas de Jesus, examinando algumas das imagens de Jesus sugeridas pelo deísmo, pelo racionalismo, pelo idealismo, pelo romantismo e pelo ceticismo. Depois vamos dar uma pequena olhada na situação atual em relação a Jesus, alguns livros populares que saíram na última geração, e depois provavelmente uma breve olhada no Seminário de Jesus, voltar e fazer um resumo sobre as vidas liberais de Jesus e tal. Esse é o nosso grande primeiro tópico de cerca de 12.

Então vamos dedicar algum tempo para olhar para o período intertestamentário, e depois para o governo dos persas, e dos gregos, e dos hasmoneus, e dos romanos, pensar um pouco sobre a expectativa messiânica na época de Jesus, e depois vá além do ministério de Jesus para olhar para o fim do estado judeu e depois para o que aconteceu após a queda de Jerusalém. Depois vamos fazer um dos nossos três, creio que seja, olha para a exegese, introdução à exegese, pensa um pouco sobre como interpretamos as narrativas nos Evangelhos, e olha para Mateus 2 na visita dos reis magos . Então, voltaremos ao que considero nosso tipo de trabalho de base e examinaremos as informações que temos sobre a autoria e a data dos Evangelhos sinópticos.

Depois veremos outra passagem; veremos como interpretar parábolas e veremos a parábola de Jesus sobre o banquete de casamento em Mateus capítulo 22. Depois, em nosso sexto tópico, se preferir, veremos os Evangelhos como obras literárias. Depois, sétimo, examinaremos o problema sinóptico.

Então, a geografia da Palestina, tanto a terra como um todo como Jerusalém, é bastante semelhante para a Palestina durante todo o período; obviamente, Jerusalém é um pouco diferente. Veremos também algumas características políticas. Então, examinamos aqui quatro relatos bíblicos.

Veremos como interpretar relatos de milagres e veremos o incidente com os demônios e os porcos em Marcos 5, versículos 1 a 20. Então, queremos pensar um pouco sobre a teologia bíblica dos sinópticos, olhando especialmente para o que Jesus tem a dizer sobre o reino. Então, como nossa quarta passagem, queremos ver como

interpretar relatos controversos e olhar para o incidente em Lucas 11, onde Jesus é acusado de ser, o que deveríamos dizer, fortalecido por Belzebu.

E, finalmente, queremos encerrar nossa discussão olhando para a crítica de forma e crítica de redação. Então, esse é o nosso esquema, se você preferir. Se Deus quiser, tentaremos executar isso.

Então, vamos entrar aqui e dar uma olhada no primeiro tópico, que chamamos de Jesus histórico. Agora, a menos que você tenha vivido uma vida muito protegida, você sabe que as pessoas têm opiniões muito diversas sobre Jesus. Alguns deles são motivados pela sua religião ou cosmovisão, e outros afirmam estar a lidar honestamente com dados históricos.

Bem, vamos dar uma visão rápida de algumas visões modernas influentes. Vamos começar basicamente com pontos de vista religiosos e dados bíblicos, e para isso, você realmente tem que ler e estudar você mesmo, e qualquer um pode fazer isso. Levará algum tempo, mas os dados bíblicos apontam para Jesus, que é de alguma forma totalmente Deus e totalmente humano, e não vamos entrar em discussão sobre isso.

Isso é uma teologia. Algumas coisas surgirão, obviamente, em nossa discussão sobre os evangelhos sinópticos. As outras alternativas religiosas poderiam ser divididas em duas grandes categorias.

Uma delas é que Jesus é apenas humano, não Deus em nenhum sentido real, e a outra é que Jesus é divino em certo sentido, mas não no sentido bíblico de ser, você sabe, uma pessoa do Deus triúno e totalmente Deus. e totalmente homem. Então, uma visão muito rápida do primeiro deles. Jesus era apenas humano, não Deus em nenhum sentido real.

Começamos com uma ou duas observações sobre o ateísmo. Obviamente, no ateísmo, a visão é que Deus não existe, então Jesus não pode muito bem ser Deus em nenhum sentido, e então Jesus era, na melhor das hipóteses, apenas humano, e muitos ateus, de fato, alegaram que Jesus era fictício, que ele nunca existiu. Na verdade, esta ideia do Jesus fictício foi ao mesmo tempo a visão comunista padrão.

Não sei onde eles estão agora sobre essa questão. Uma segunda visão de um tipo bastante diferente, mas ainda sob apenas os humanos, e não Deus em qualquer sentido real, é a do Islão. No Islão, o Islão acredita em Deus, embora seja estritamente monoteísta, não trinitário.

Eles acreditam que Jesus foi um verdadeiro profeta, que ele realmente nasceu de uma virgem, o que não afirmam para nenhum dos outros profetas, e que ele operou

milagres, o que eles não afirmam nem mesmo para Maomé. Bem, eles. O Alcorão não reivindica Maomé.

Alguns dos Hadith sim, e afirmam que Jesus um dia retornará para reinar como Messias, mas ele não é Deus. Como eu disse, Alá é estritamente um, e ele não tem filho, e eles também afirmam, talvez haja alguma controvérsia sobre isso, mas esta é uma leitura geral do Alcorão, que Jesus não morreu na cruz, mas sim ele foi arrebatado para o céu, e um substituto foi colocado em seu lugar. Então, esse é um rápido tour pelo Islã.

Muito mais poderia ser dito sobre qualquer um deles. Passemos para dois deles que surgiram mais diretamente do Cristianismo, e o primeiro deles é o que chamo de velho liberalismo. Esta é a forma de liberalismo liberal que surgiu na cristandade, provavelmente já começando no início de 1700, mas ganhando algum impulso no final de 1700 e depois continuando ao longo de 1800 e até mesmo ao longo do século XX.

Basicamente, o velho liberalismo acredita que os Evangelhos contêm uma grande quantidade de material lendário porque milagres não acontecem. Bem, é bastante claro que se os milagres não acontecem, uma vez que os Evangelhos têm muitos milagres, eles não podem ser muito confiáveis. Então, a afirmação deles é que Deus existe, ok? Deus só trabalhou providencialmente através de Jesus, mas de alguma forma as pessoas o entenderam mal, e ele foi deificado pelos primeiros cristãos gentios.

Ele era uma espécie de professor de ética, talvez o ponto de vista mais comum no antigo liberalismo, e que tinha mais de Deus nele do que os outros. Acredito que foi Harry Emerson Fosdick quem disse que Jesus era divino, mas minha mãe também, algo assim. Então, Jesus morreu na cruz como exemplo, mas a sua ressurreição é apenas uma ressurreição espiritual.

Até mesmo Karl Barth foi questionado uma vez por Carl Henry, acredito que se um repórter de jornal estivesse no túmulo na manhã de Páscoa, ele teria algo a relatar? E Barth não responderia diretamente. Avancemos para o desenvolvimento do velho liberalismo, que tem sido frequentemente chamado de neo-ortodoxia, e que também tem uma ampla gama de pontos de vista. Ao mesmo tempo, Bultmann foi até considerado um neo-ortodoxo, embora mais tarde isso tenha sido geralmente abandonado.

Uma visão semelhante dos Evangelhos ao antigo liberalismo, isto é, que milagres não acontecem e tal, mas a neo-ortodoxia sente que o Jesus da história não é tão importante quanto o Cristo da fé, então você tende a entender esse tipo de abordagem das coisas em dois níveis, e os cristãos deveriam estar interessados no Cristo da fé e não no Jesus da história. Esta parece ser uma tentativa de resgatar, por

assim dizer, valores religiosos e ao mesmo tempo aceitar a chamada história científica em que milagres não ocorrem. Portanto, essa é uma visão muito turbulenta de quatro abordagens diferentes da ideia de que Jesus é apenas humano, mas não Deus em nenhum sentido real.

Um segundo tipo de categoria é que Jesus é divino em certo sentido, mas não no sentido bíblico. E aqui olhamos em primeiro lugar para as Testemunhas de Jeová. As Testemunhas de Jeová acreditam em Deus que faz milagres, etc., embora Deus seja mais parecido com o Deus do Islã no sentido de que ele é estritamente um.

Então, Jesus é um pequeno deus, se você quiser. Numa das sugestões, e não sei se esta é a oficial neste momento, Jesus é uma espécie de reencarnação, poderíamos dizer, não usam esse termo, do arcanjo Miguel, que Miguel foi retirado de existência, mas sua força vital foi colocada em Jesus quando ele foi criado, se você quiser. E que por meio deste arcanjo Miguel, foi assim que Jeová Deus criou todas as coisas.

Ele foi o agente de Deus na criação. Então, estou tentando lidar com algumas passagens bíblicas que retratam Jesus como o agente de Deus na criação. Portanto, Jesus, na opinião das Testemunhas de Jeová, não é o Deus todo-poderoso e não deve ser adorado.

Ele nasceu de uma virgem, fez milagres e morreu na cruz; por alguma razão, eles têm seu corpo se dissolvendo na tumba, mas um dia ele retornará para estabelecer um reino terreno para suas testemunhas fiéis, as Testemunhas de Jeová, uma versão de Jesus que é divina em certo sentido, mas não no sentido bíblico. Mormonismo. Tentarei evitar me deixar levar pelo Mormonismo aqui, pois trabalhei bastante em seu contexto histórico, mas o Livro de Mórmon é bastante ortodoxo, mais ou menos trinitário, em sua visão de Jesus.

Jesus é visto como nascido de uma virgem, o Messias, o milagreiro que ressuscitou dos mortos. Mas eles têm algumas escrituras posteriores. Eles têm a obra chamada Pérola de Grande Valor e outra obra chamada Doutrinas e Convênios, e de acordo com essas escrituras posteriores, o ensinamento do Mormonismo é que os humanos podem se tornar deuses como Jesus fez, e como o Pai fez, que o Pai foi uma vez homem.

Jesus era apenas um homem na época em que esteve na terra, embora fosse incomum por ser o filho espiritual primogênito de seu pai e de sua mãe espiritual no céu. Ele foi enviado do céu quando Maria concebeu e, desde sua ascensão, tornou-se um deus. Sua morte, entretanto, apenas nos salva do pecado original, e temos que fazer a maior parte do resto do trabalho para sermos satisfatórios a Deus e entrarmos no nível mais alto do céu.

Listo aqui uma terceira categoria, sob Jesus com Deus, em certo sentido, mas não no sentido bíblico: o movimento da Nova Era. O movimento da Nova Era é um grupo muito diversificado de pontos de vista que se caracterizam, se preferirem, por uma mistura de atitudes ocidentais em relação à personalidade e esse tipo de coisa, com elementos que vêm do hinduísmo e do budismo, tipicamente a reencarnação. Geralmente, Jesus é visto como um dos grandes, mas geralmente não o maior, daqueles que chamam de mestres ascensos, aqueles que, através do seu esforço espiritual e iluminação, ascenderam muito acima do nível da maioria dos humanos.

Você também, no movimento da Nova Era, pode se tornar um deus através de uma ou mais técnicas que diferem de guru para guru. O termo Cristo no movimento da Nova Era é normalmente usado para um nível de iluminação espiritual e não era um cargo ocupado exclusivamente por Jesus. Tenho um pequeno PowerPoint no site do IBRI chamado Jesus in New Age, que esboça as opiniões de Jesus por dois dos professores da Nova Era, Edgar Cayce e Benjamin Crimm.

Então, esse é um tipo de passeio rápido pelo que poderíamos chamar de várias visões religiosas. Isso não cobre todo o espectro, mas dá uma ideia da diversidade que existe ali. Queremos pensar a seguir sobre o que poderíamos chamar de visões supostamente históricas.

Nos últimos 200 anos, houve inúmeras tentativas de produzir o verdadeiro Jesus histórico, que é supostamente bem diferente da pessoa retratada nos Evangelhos. Estas tentativas assumem regularmente que milagres não ocorrem. Eles não teriam que fazer isso, mas essa é uma característica de todo esse processo, porque eles foram refutados pela ciência de alguma forma, de modo que os Evangelhos, como mencionei antes, cheios como estão de milagres, não podem ser confiáveis. .

Os proponentes de tais pontos de vista aceitam parte do material do Evangelho e rejeitam o resto, e divergem sobre o que aceitam e o que rejeitam, embora concordem em rejeitar os milagres. Daremos aqui alguns exemplos que são característicos de vários movimentos filosóficos dos últimos 200 anos, desde antes de 1800. Albert Schweitzer, em seu livro escrito logo depois de 1900, chamado A Busca do Jesus Histórico, discute mais de 100 dessas biografias liberais. de Cristo, se você quiser.

Lembro-me de quando li isso pela primeira vez, há muito tempo, quando você lê o primeiro capítulo também, é meio assustador. Você diz, uau, e se Jesus fosse realmente assim? Mas depois de ler 50 ou 75 deles, você diria que esses caras estão atirando no escuro. Eles jogaram fora algo que é crucial para o Cristianismo, e então eles estão basicamente se debatendo depois disso, apesar do fato de que essas pessoas são inteligentes, e muitas delas são estudiosos consideráveis.

Bem, vamos dar uma olhada e classificar cada um deles provisoriamente sob uma visão filosófica, embora os caras que estão fazendo isso não sejam filósofos, mas basicamente se apegaram a algum tipo de filosofia do organizar. Então começamos com o deísmo, em primeiro lugar. O deísmo vê Deus como o criador, mas ele é uma espécie de relojoeiro criador.

Ele monta o universo, mas depois disso não mexe nele. Ele é alguém que não intervém nos assuntos humanos, assim como seria um tanto desajeitado para um relojoeiro ter que ficar abrindo a parte de trás do relógio e mexendo no que está dentro dele. Então, os deístas pensam que seria muito desajeitado um Deus que continuasse fazendo milagres no universo.

Acho que eles não consideram a possibilidade de que o universo possa não ser um relógio, mas sim algo como um violão, ou um violino, ou um jogo interativo projetado para o jogador, se você quiser, que também é o criador, neste caso, intervir para fazer várias coisas com esta ferramenta específica, o universo. Bom, voltando ao nosso assunto, queremos pensar um pouco sobre Hermann Samuel Reimarus e seu livro, que na verdade era uma coleção de fragmentos. Todo o livro que ele preparou nunca foi publicado, mas o livro se chama Fragmentos de Wufenbüdel e foi publicado de 1774 a 1778.

Só foi publicado depois da morte de Reimarus , e foi publicado em fragmentos, e talvez a coisa toda tivesse sido publicada, exceto pela reação aos fragmentos que foram publicados. Os dois que nos interessariam aqui são aqueles que tratam de Jesus. um desses fragmentos é chamado Sobre a História da Ressurreição, e o outro é chamado Os Objetivos de Jesus e Seus Discípulos. De acordo com Reimarus , Jesus afirmou ser um messias do tipo judeu, isto é, alguém que viria resgatar Israel de seus opressores políticos, trazê-los de volta a Deus e esse tipo de coisa.

E então, ele então, Jesus pensou que ele era isso, de acordo com Reimarus , e então ele fez uma tentativa de fazer isso, mas não fez nenhuma tentativa de fundar uma nova religião. Ele fez, segundo Reimarus , algumas curas psicossomáticas. Você descobrirá que muitos dos primeiros liberais, pelo menos, acreditam que Jesus foi capaz de fazer o tipo de cura, suponho, que os não-cristãos pensam que os carismáticos podem fazer ou algo desse tipo, que não são milagrosas. , mas são algum tipo de cura psicossomática ou hipnótica ou algo desse tipo.

Bem, Jesus tentou iniciar uma revolta contra Roma, mas falhou, e por isso foi condenado à morte como revolucionário. Porém, após sua morte, seus discípulos perceberam que ele havia falhado, mas perderam o hábito de trabalhar. Como todo mundo que não é pastor sabe, os pastores não fazem nada além de realizar um sermão de 30 minutos ou de 15 minutos uma vez por semana, e então é um discípulo, tendo perdido o hábito de trabalhar, decidiu começar uma nova religião, e então eles roubaram o corpo de Jesus do túmulo, alegaram que ele havia

ressuscitado dos mortos e alegaram que ele os havia enviado para pregar esta nova religião.

Então, inventaram uma nova escatologia em que o Messias voltaria uma segunda vez. Bem, a publicação do material de Reimarus causou sensação, destruiu sua reputação e sua família desencorajou qualquer publicação adicional dos fragmentos. Então esse foi Reimarus .

Porém, Reimarus teve um efeito além da sensação. O trabalho de Reimarus abriu caminho para reconstruções liberais posteriores que foram menos drásticas em geral. Também estabeleceu um precedente para ignorar as epístolas do Novo Testamento, epístolas de Paulo, Pedro e João, de enfatizar o ensino de Jesus sobre o fim dos tempos, o ensino escatológico, do qual Reimarus e a maioria dos liberais realmente não gostam, e de afirmar que grande parte do O material nos Evangelhos foi a criação dos apóstolos ou da igreja posterior, em vez de voltar a Jesus.

Então esses são os fragmentos de Deísmo e Wolf e Boodle de Reimarus . Avançamos cerca de 50 anos para o racionalismo, e um racionalismo é uma visão de mundo que pensa que a revelação é desnecessária porque a verdade moral é o que realmente conta . É eterno e pode-se deduzir por um bom raciocínio que não é preciso olhar muito ao redor do mundo para ver como as coisas são. Você pode olhar dentro de sua mente e ver como as coisas são.

A ideia existia desde os filósofos greco-romanos e foi reavivada, se quiserem, já nos anos 1600, mas estava a ganhar força agora, no início do século XIX. Queremos dar uma olhada aqui em Heinrich Paulus. Ao contrário de Reimarus , Heinrich Paulus escreveu uma obra, *Leben Jesu*, Vida de Jesus, e *Leben Jesu* é o alemão, escreveu uma vida simpática de Cristo.

Então, ele se sentiu atraído por Jesus e pelo menos gostou da sua versão de Jesus. E assim vemos com Reimarus , com Paulus, o que talvez seja mais típico do que mencionei anteriormente é o liberalismo teológico, ou seja, Jesus foi um grande professor moral de visão e habilidade incomuns. Muito do que Paulus ensinou foi esquecido hoje.

O principal impacto do trabalho de Paulus foi o tratamento racionalista dos milagres. Ou seja, ele afirmou que os milagres realmente aconteceram, mas não foram milagrosos. Eles foram mal interpretados como eventos não sobrenaturais, e os discípulos ou as pessoas na multidão pensaram que eram milagrosos.

Então, Jesus realmente curou as pessoas, mas foi por meio de algum poder espiritual desconhecido que atuou no sistema nervoso – algo como hipnose ou PES ou algo desse tipo. Jesus, de acordo com Paulus, também usou medicina natural e dieta,

como fazem os curandeiros holísticos e as pessoas que praticam alimentação saudável de hoje.

Os milagres da natureza de Jesus são obviamente mais difíceis de explicar. Paulus sugeriu que os seguintes tipos de coisas variavam de um para outro. Jesus estava andando sobre as águas.

Ele estava realmente andando na praia ou em um banco de areia. E então, quando Peter sai do barco, ele não pisa no banco de areia e naturalmente entra, etc. Então esse é basicamente o problema aí.

Que tal a cura de Jesus que alimentou 5.000 pessoas? Bem, acontece que cerca de 2.500 deles têm almoços bastante substanciais escondidos sob as capas. Mas quando este garotinho traz seus pães e peixes, isso envergonha todas as outras pessoas, e eles trazem os seus, e os compartilham, e há bastante para todos. E a transfiguração de Jesus? Bem, você se lembra que os discípulos estavam quase dormindo quando isso aconteceu, e eles estão no topo de uma montanha, e o sol está nascendo, e isso acontece lá no lado oeste do topo da montanha.

Jesus está bem no topo da montanha, e o sol está nascendo atrás dele, então ilumina seus cabelos, suas roupas, etc. E então, ele brilha assim, e esses dois distintos caras de Jerusalém, eles confundem como Moisés e Elias. Então essa é a transfiguração.

Ressurreição de Lázaro e dos outros. Jesus reconheceu que eles estavam em coma e de alguma forma conseguiu acordá-los. A própria ressurreição de Jesus foi bastante semelhante, pois ele não morreu na cruz, segundo Paulus, mas entrou em coma.

A tumba fresca e as especiarias aromáticas o reavivaram. O terremoto convenientemente removeu a pedra e Jesus apareceu aos seus discípulos por um tempo. Mas, na verdade, ele foi gravemente prejudicado pela crucificação e mais tarde os deixou morrer.

Em sua partida final, ele sobe a colina até as nuvens e eles pensam que é uma ascensão. Bem, essa é a visão racionalista de Paulus sobre os milagres. O trabalho de Paulus foi importante na difusão dessas visões liberais no que chamaríamos de círculos cristãos.

Portanto, o deísmo era bastante distinto do cristianismo. Isso não quer dizer que não houvesse cristãos professos que fossem realmente deístas, mas agora você começa a ter uma visão mais racionalista das coisas nos círculos cristãos, e começa a ter uma versão liberalizadora do cristianismo. Isto é, pessoas que afirmam ter simpatia por Jesus, mas ainda assim rejeitam os milagres.

Paulus não perdeu o emprego como presumivelmente Ramaris teria feito se ainda estivesse vivo, nem perdeu o prestígio do livro como, de fato, Ramaris fez. A sua abordagem racionalizadora dos milagres, embora rapidamente ridicularizada até pelos liberais, ainda é usada por eles em alguns casos. Então, ocasionalmente, veremos uma lição de escola dominical sobre a alimentação de 5.000 pessoas em um livro liberal de escola dominical, e será sobre compartilhar.

Bem, há algo sobre compartilhar aí, mas esse certamente não é o ponto principal do verdadeiro milagre. Então, deísmo e racionalismo. Agora, nos voltamos para o idealismo.

O idealismo é, claro, usado de forma muito ampla no discurso popular de hoje, mas nos círculos filosóficos é um tipo de visão de mundo. É a ideia de que a mente ou as ideias são a realidade básica, e não a matéria. Por exemplo, o culto que chamamos de Ciência Cristã acredita que a matéria não existe realmente, que é a mente que está operando e que, portanto, se a sua mente puder ser iluminada da maneira correta, isso superará as suas doenças, porque as doenças são basicamente ilusões.

Bem, vamos dar uma olhada em David Friedrich Strauss e sua obra, também chamada de Leibniz, Vida de Jesus, publicada apenas em 1835, apenas sete anos depois da obra de Paulus. De acordo com Strauss, toda a vida de Jesus foi influenciada pela interpretação mitológica, e não apenas pelo seu nascimento e ressurreição, como tinha sido sugerido por alguns dos liberais ligeiramente anteriores. Strauss define o mito aqui como uma verdade religiosa atemporal revestida de forma histórica.

Então, são coisas que na verdade não aconteceram na história, mas para fins de ensino, estão estruturadas de forma histórica. Então, é meio parabólico se você gosta de algo desse tipo. E Strauss afirmou que esta forma histórica foi muitas vezes produzida usando materiais lendários.

Assim, para Strauss, as ideias religiosas expressas na vida de Jesus são verdadeiras, mas os acontecimentos não aconteceram realmente. Por exemplo, a divindade de Cristo não é uma verdade histórica de acordo com Strauss, mas antes é a, digamos assim, a ideia mais elevada, a ideia mais elevada alguma vez concebida pelo homem. Essa é a unidade da divindade e da masculinidade.

Que o homem e Deus são realmente o mesmo, e a divindade de Cristo é usada como uma forma mitológica de expressar isso. O fato de sermos todos divinos nos traz de volta a Harry Emerson Fosdick e seu *My Mother Was Divine*, etc. Em Leibniz, Strauss ataca tanto as ideias ortodoxas quanto as racionalistas de Jesus, zombando especialmente das explicações de Paulus sobre os milagres, que, é claro, não são difíceis de zombar, como você já viu.

No entanto, Strauss produz poucas explicações positivas para os acontecimentos históricos, provavelmente porque não estava realmente preocupado com o que realmente aconteceu. Ele é um idealista. Não é isso que importa.

Você já vê um pouco disso em Platão, que estava preocupado com ideias e não com eventos na história. O livro de Strauss encontrou uma reação bastante forte em sua época porque era ao mesmo tempo anticristão e antirracionalista. No entanto, lançou as bases para Bultmann no século XX, sobre o qual falaremos um pouco mais adiante, e para a escola desmitologizante da época de Bultmann.

Strauss também colocou três problemas, áreas problemáticas que poderíamos dizer que continuaram a dominar os estudos liberais de Jesus até hoje. Um deles é o problema do milagre versus mito. Strauss, nos círculos liberais, praticamente acabou com a aceitação liberal dos milagres no relato evangélico como históricos.

Somente os relatos de cura são aceitos por alguns liberais hoje, que dizem que Jesus realizou algumas curas psicossomáticas, como os curandeiros ainda fazem. Strauss levantou toda esta questão do Jesus da história versus o Cristo da fé. Strauss separou a verdade histórica do valor religioso e favoreceu uma abordagem de fé de Cristo.

Nem todos os liberais fizeram isso. Alguns foram na outra direção. Queremos descobrir como era o verdadeiro Jesus da história e ter a mesma religião que ele, ou pelo menos obter dele algumas ideias ou algo desse tipo.

Uma terceira área é a distinção entre o evangelho de João e os sinópticos. Strauss estabeleceu uma rejeição generalizada de João, o João do evangelho, atacando sua confiabilidade de forma mais eficaz do que Ramirez havia feito anteriormente. Então isso é idealismo.

Próximo romantismo. O romantismo é uma reação contra a ênfase do racionalismo na razão e na lógica. Pois o romantismo, as emoções e a intuição fornecem insights que você não pode obter por meio da razão.

Devemos parar por aí e continuar depois disso? OK. Vamos olhar aqui para o romantismo, uma reação contra a ênfase do racionalismo na razão e na lógica. Pois o romantismo, as emoções e a intuição fornecem insights que você não pode obter por meio da razão.

Na opinião de Ernest Renan, é ele quem vamos olhar, e sua vida é a vida de Jesus, mas em francês, la vie de Jésus. Na opinião de Ernest Renan, a imagem evangélica de Jesus não faz sentido sem o milagroso. Então, ele classifica o material em três fases diferentes da vida de Jesus.

Ele vê Jesus como um professor de ética, um revolucionário e depois um mártir. Renan afirmou que todas as três fases dessa visão, professor ético, revolucionário e mártir, eram históricas, mas elas se misturaram de alguma forma nos relatos dos evangelhos, que foram misturados cronologicamente, e ele afirma que cada faceta teve um período distinto em Jesus. ' vida. Em primeiro lugar, ele diz que Jesus era um professor ético.

Jesus começa como um professor otimista, agradável e ético que aprendeu a pregar com João Batista. Ele retorna à Galiléia como um gentil professor de amor e atrai seguidores devotados de rapazes e moças, além de um grande grupo de galileus encantados. Ele não faz milagres, exceto algumas curas psicossomáticas.

Quando vai a Jerusalém, descobre que os rabinos não os aceitam. Como resultado, entramos na fase dois. Ele se tornou um revolucionário e fez campanha para se livrar dos rabinos. Ele começa a fazer milagres falsos para atrair um número maior de seguidores.

Logo, Jesus percebe que seu movimento não tem apoio popular suficiente para derrotar os rabinos e que não pode continuar a realizar milagres indefinidamente sem ser descoberto. Então, entramos na fase três e é quando ele decide que vai abandonar as ambições terrenas e se tornar um mártir. Antes de sua morte ele inicia um movimento religioso para que os ensinamentos sejam preservados.

Ele institui as cerimônias simples do batismo e da Ceia do Senhor para dar unidade ao grupo e escolhe líderes que chama de e se deixa apanhar e morre na cruz. Na verdade, sua estratégia funciona melhor do que ele esperava porque Maria Madalena tem uma alucinação de que Jesus está vivo. Bem, essa é a vida de Jesus de Renan.

O trabalho de Renan é importante para difundir as reconstruções liberais da vida de Jesus para o público educado popular porque todos os livros anteriores foram escritos como obras bastante técnicas e o espalham particularmente no catolicismo. Então, começamos a ver o início do catolicismo liberal nesta época. Renan abriu as portas para a ideia de que a confiabilidade pode ser avaliada pela estética.

Deus não pode ser assim porque eu não gosto disso. Não é bonito o suficiente e essa ideia não desapareceu. Sua ideia de que a estrutura cronológica dos Evangelhos não é confiável será retomada mais tarde na crítica da forma.

Chegamos ao final da nossa viagem antes de chegarmos à situação atual, e essa é a visão filosófica que chamamos de ceticismo. Os céticos duvidam em maior grau do que as posições acima e sentem que é impossível reconstruir a vida de Jesus. Vamos dar uma olhada em Wilhelm Wrede e seu trabalho, que permanecerá com o título

em inglês *Segredo Messiânico*, publicado em 1901, apenas alguns anos antes da busca de Schweitzer pelo Jesus histórico.

Wrede reage contra as reconstruções que eram populares naquela época, um pouco como aquelas esboçadas acima, argumentando que muito nessas imagens é obtido lendo nas entrelinhas e ignorando o que Jesus tinha a dizer sobre o julgamento da segunda vinda, o inferno e coisas assim, que o liberalismo teológico moderno tende a fazer o mesmo. Wrede não tenta esboçar uma vida completa de Jesus, mas tenta resolver um único problema. O problema é que se Jesus nunca afirmou ser o Messias como pensava o liberalismo teológico, por que ele continuou dizendo às pessoas para manterem isso em segredo, certo? Com licença, acabei de falar sozinho.

Se Jesus afirmou ser o Messias, por que ele continuou dizendo às pessoas para manterem isso em segredo? A resposta de Wrede é que Marcos inventou o Segredo Messiânico porque Jesus nunca afirmou ser o Messias, mas Marcos e seu círculo pensaram que ele era. Wrede passa a acreditar que toda a estrutura narrativa de Marcos não é confiável e que apenas algumas das histórias e ditos individuais deste evangelho realmente aconteceram. Neste ponto da nossa narrativa da vida liberal de Jesus, note que os liberais já rejeitaram todos os evangelhos. João está atrasado, Mateus e Lucas baseiam-se em Marcos e Marcos não é confiável.

Voltaremos e discutiremos a construção de Mateus e Lucas sobre Marcos quando discutirmos nosso problema sinóptico. Este profundo ceticismo em relação aos relatos dos evangelhos levou à aplicação da crítica formal à vida de Cristo por Rudolf Bultmann e outros, começando por volta de 1920 e, posteriormente, interrompeu a escrita de vidas acadêmicas liberais de Cristo até cerca de 1950. Buscas pelo Jesus histórico foram retomadas na década de 1950, a chamada segunda busca por liberais que estavam insatisfeitos com uma forma particular de ceticismo extremo defendida por Bultmann, e agora geralmente se pensa que estamos numa fase chamada de terceira busca.

Não vou acompanhar isso detalhadamente. O que eu gostaria de analisar é o que podemos chamar de situação atual e aqui vamos esboçar uma série de coisas que estão acontecendo, mas a situação atual é caracterizada por uma diversidade considerável. Renan fez uma observação quando escreveu sua *Vida de Jesus* que Jesus, uma vez removidos os milagres, não faz sentido e então ele começou a classificar várias características de Jesus nessas três categorias: o professor ético e o revolucionário e o mártir e então basicamente alegou que houve uma confusão cronológica.

É verdade que uma vez excluído o milagroso do ministério de Jesus, a sua pessoa e a sua vida não fazem sentido, e podem ser imaginadas diversas possibilidades. As teorias modernas são muitas vezes simplesmente várias combinações de possibilidades previamente percebidas. Faremos aqui outro esboço rápido de alguns

dos pontos de vista defendidos desde a Segunda Guerra Mundial e os chamaremos de Pós- Bultmannianos , A Conspiração da Páscoa de Schoenfield, O Cogumelo Sagrado e a Cruz de Allegro de John Marko e O Evangelho Secreto e a Cruz de Morton Smith e Jesus o Mago e depois teremos um pouco a falar sobre o Seminário Jesus.

Os Pós- Bultmannianos . Pós- Bultmannianos é um termo para ex-alunos de Rudolf Bultmann, especialmente Gunther Bornkamp, Hans Konzelmann , Klaus Fuchs, Ernst Käsemann e todos aqueles que pareciam muito alemães, James M Robinson. Ok, americano.

Bornkamp é o único que realmente escreveu A Life of Christ intitulado Jesus Nazareth, publicado em tradução inglesa em 1960. Os outros, entretanto, escreveram artigos de enciclopédias ou artigos de periódicos. Todos são anti-sobrenaturais, mas todos acham que Bultmann foi longe demais em seu ceticismo.

Eles têm mais interesse pela história do que ele e sentem que o material do Novo Testamento nos dá pelo menos uma sensação que Bultmann tinha sobre o que as pessoas pensavam sobre Jesus. A sua própria metodologia histórica, no entanto, ainda é muito cética. Eles ignoram o Evangelho de João.

Eles usam os sinóticos. Eles identificam os incidentes e declarações autênticas de Jesus usando o que chamam de método de dissonância. O que é isso? Bem, veja um exemplo.

O próprio Jesus era judeu. Seus seguidores eram cristãos. Assim, quaisquer características dos ensinamentos relatados de Jesus que pareçam judaicas podem remontar aos judeus e não a Jesus.

Ok, e qualquer material que os cristãos pareçam cristãos pode remontar aos primeiros cristãos, e não a Jesus. Portanto, apenas aquilo que é incomparável tanto com o Judaísmo como com o Cristianismo provavelmente remonta a Jesus. Portanto, examinamos este material para obter a autocompreensão de Jesus.

Bem, esta é uma abordagem muito minimalista de Jesus, mas, estranhamente, produz alguns resultados interessantes. Menciono aqui que a dissonância tem um problema como metodologia. Veja Martinho Lutero.

Martinho Lutero era católico. Seus seguidores eram luteranos. Então, você joga fora qualquer coisa em Martinho Lutero que pareça católica, e você se livra de toda a teologia ortodoxa tradicional, e você joga fora qualquer coisa que pareça luterana, e você provavelmente acaba com a escravidão da vontade ou algo desse tipo. , mas mesmo isso parece meio católico agostiniano, se você quiser.

Então, o que você faz? Bem, vejamos alguns resultados obtidos pelos pós-Bultmannianos. Eles deduziram alguns resultados interessantes que não se ajustam muito bem aos modelos liberais. Tomemos, por exemplo, a visão que Jesus tinha de si mesmo.

Käsemann pensou que há uma atmosfera muito distinta sobre esta questão no Novo Testamento. Que Jesus se considerava divina e exclusivamente inspirado e que era maior que um profeta. Jesus, de fato, diz Käsemann, fez afirmações messiânicas.

Muitos liberais não querem seguir esse caminho. Pessoas mais comuns, pensando na visão que Jesus tinha de si mesmo, disseram que Jesus afirmou que poderia perdoar pecados. Que tipo de pessoa pode perdoar pecados? Bem, você se lembra da observação dos judeus quando ouviram Jesus dizer algo assim.

Depois pensamos nos ensinamentos de Jesus. Käsemann. A principal mensagem de Jesus é que Deus veio para dar aos homens o que eles não merecem e para libertá-los da escravidão.

Assim, retratamos a graça e a redenção na mensagem de Jesus, segundo Käsemann. Hans Conzelmann. Jesus falou de um reino futuro que, em certo sentido, está nos confrontando agora mesmo.

Isso é bastante interessante porque quando eu estava fazendo um curso de Novo Testamento na Duke, não um curso conservador, o grande ponto foi levantado: bem, você tem dois elementos que você vê no evangelho que são inconsistentes. Reino futuro, reino presente. Mas aqui, Conzelmann diz que os dois estão lá.

Ambos estão em Jesus. Assim, este ponto foi regularmente perdido no antigo liberalismo, que normalmente coloca estes dois elementos em contradição. Considerando que os cristãos nos últimos anos passaram a pensar em termos do já e do ainda não como o que está acontecendo lá, e há essa tensão real, e isso realmente acaba sendo uma característica importante da teologia cristã.

A conduta de Jesus. Mais comumente, as pessoas dizem que as ações de Jesus nos mostram que ele está submetido a Deus, mas ainda assim ele reivindica uma autoridade única. Visto, por exemplo, na purificação do templo.

Ele também mostrou grande gentileza para com os excluídos. Compare a atitude de Jesus com a atitude dos fariseus. Bem, isso é um rápido tour por eles, e esses resultados parecem mínimos, mas são impressionantes.

Eles sugerem que Jesus é muito mais do que os liberais admitiram e que deveriam reconsiderar o seu ceticismo. Bem, passamos dos pós-Bultmannianos para olhar para Hugh Schoenfield, o complô da Páscoa de 1966. Hugh Schoenfield era um judeu

britânico liberal que trabalhou no Comitê Internacional dos Manuscritos do Mar Morto.

Aparentemente, ele aceitou as reivindicações de Jesus em determinado momento de sua carreira, mas depois desistiu. Então, ele aparentemente foi uma espécie de judeu messiânico antigo em determinado momento. Ele está bastante familiarizado com as interpretações evangélicas das profecias do Antigo Testamento, e se outros liberais estão familiarizados com isso, ou eles simplesmente as desprezam ou não as levam em conta, mas Schoenfield sim.

De acordo com Schoenfield, o ministério de Jesus é uma trama elaborada para cumprir as profecias do Antigo Testamento a respeito do Messias, especialmente sua morte e ressurreição. Na opinião de Schoenfield, Jesus está convencido de que é o Messias e reúne discípulos, mas evita afirmar publicamente ser o Messias para sua própria segurança. Observe aí, Schoenfield tem uma bela explicação para o segredo messiânico.

Não é seguro afirmar ser o Messias muito cedo, ok? Pode haver outras razões também, mas isso mostra-nos que Vreda talvez tenha construído demasiado sobre o seu segredo messiânico. Eventualmente, porém, Jesus é rejeitado na Galiléia e percebe que precisa morrer e ressuscitar para cumprir a profecia do Antigo Testamento, provavelmente pensando no Salmo 22 ou Isaías 53.

Jesus decide, no entanto, fingir sua morte em vez de confiar em Deus para uma ressurreição. Ele constrói uma trama usando vários assistentes que estão apenas em parte da trama, ok, então não sei ao certo o que as outras pessoas estão fazendo ou quem são mesmo as outras pessoas. A morte e ressurreição de Lázaro são falsificadas para aumentar a tensão com as autoridades.

O culto para a entrada triunfal é organizado, obrigando as autoridades judaicas a tomar medidas para evitar uma revolta. Jesus controla o momento de sua prisão, ou seja, para que não o encontrem até certo ponto, para que ele seja crucificado apenas por algumas horas. E então, durante essas poucas horas, quando ele está sendo crucificado, ele grita as palavras em código, Ali, Ali, Lama Sabachthani , e um assistente sai correndo com uma esponja que o droga, e Jesus entra em coma.

Bem, é assim que Schoenfield está indo. Schoenfield acredita então que a trama, quase perfeita, é arruinada pela lança lançada pelo soldado romano. Jesus é descido da cruz por José Arimateia e um conspirador anônimo a quem chamaremos de X. Naquela noite, Jesus é retirado do túmulo, levado para outro lugar e revivido.

Ele dá a X uma mensagem para levar aos discípulos. Mensagem, diga-lhes para me encontrarem na Galiléia. Mas depois que X vai embora, Jesus morre e X tenta entregar a mensagem, mas aparentemente não sabe que Jesus está morto.

X tenta contar às mulheres no túmulo na manhã seguinte, mas elas acham que ele é um anjo. Ele tenta contar a alguns discípulos no caminho para Emaús, mas eles o confundem com Jesus. A confusão continua.

Quaisquer aparições onde Jesus não foi imediatamente reconhecido são tratadas como as de X. As aparições claras e sólidas são compostas posteriormente pela igreja. Bem, a história de Schoenfield reflete a influência da descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, com alguma ênfase nas expectativas messiânicas sobre aquela época. Na verdade, os Manuscritos do Mar Morto nos dão muitas informações nessa direção que não tínhamos antes, e nos dão uma apreciação renovada pelo Evangelho de João como fonte.

É peculiar o tratamento ousado das profecias do Antigo Testamento. Possui as características clássicas do que chamamos de teoria do enredo. Isso nos leva a um aparte por um momento sobre as teorias da trama.

Uma teoria do enredo afirma que algum conjunto de eventos históricos pode ser melhor explicado não pelas motivações declaradas ou superficiais, etc., mas por um enredo não declarado, secreto e oculto. Alguns exemplos são a alegação de que Kennedy foi morto pela CIA, ou Lincoln morto pelos Republicanos Radicais, ou que os desastres de 11 de setembro foram na verdade encenados pelo governo dos EUA. Os enredos ocorrem claramente na história humana, mas as teorias dos enredos enfrentam sérios problemas metodológicos.

Primeiro, quanto melhor o plano, mais oculto ele estava, ou seja, e portanto, menos úteis são os nossos dados. Um gráfico perfeito não se ajusta aos dados. Portanto, é possível construir muito mais gráficos do que realmente poderia acontecer, de modo que a chance de qualquer gráfico ser verdadeiro é realmente muito, muito pequena.

É impossível provar que uma teoria do enredo está certa ou errada antes do julgamento final, e é muito perigoso basear a visão de mundo em uma teoria específica do enredo. Vamos dar uma olhada em John Marco Allegro, *O Cogumelo Sagrado e a Cruz*, 1970. John Marco Allegro foi professor na Universidade de Manchester, na Inglaterra, e outro representante britânico da equipe internacional dos Manuscritos do Mar Morto.

Você se pergunta sobre esse time, né? Este livro arruinou sua reputação acadêmica. Se você acha que Schoenfield tem uma teoria do enredo, Allegro tem uma superteoria do enredo. Mais radical que Bultmann ou Schoenfield.

Por que? Bem, Jesus nunca existiu. O cristianismo nunca existiu. O Judaísmo nunca existiu, pelo menos nesta parte do primeiro século.

Seus livros e ensinamentos são todos expressões de palavras-código usadas para disfarçar um culto supersecreto da fertilidade dos cogumelos, um culto às drogas sexuais ou qualquer tipo de coisa que fosse popular nos anos 70. O Judaísmo e o Cristianismo não parecem sê-lo agora, porque os segredos foram perdidos sob a perseguição e as organizações de frente continuaram e desenvolveram-se por conta própria. Allegro tenta provar sua posição pela etimologia, pela derivação das palavras.

Ele tenta provar que o Antigo e o Novo Testamento estão repletos de códigos secretos relacionados a cogumelos alucinógenos e orgias sexuais. Ele usa latim, grego, árabe, persa, siríaco, hebraico, aramaico, sânscrito, ugarítico, acadiano e sumério, o suficiente para surpreender todos, exceto os melhores linguistas. Esse é John Marco Allegro, O Cogumelo Sagrado e a Cruz.

Morton Smith, *The Secret Gospel*, 1973, e *Jesus the Magician*, 1978. Morton Smith foi professor de história antiga na Universidade de Columbia. Anteriormente, ele estudou em Israel durante a Segunda Guerra Mundial, obteve um doutorado na Universidade Hebraica e, mais tarde, um doutorado em Harvard.

Smith afirma ter descoberto em 1958, no Mosteiro Ortodoxo Grego de Mar Saba, em Israel, uma carta de Clemente de Alexandria, que floresceu por volta de 200 d.C. , que, no entanto, havia sido copiada na contracapa de um livro grego publicado em 1700, por isso foi nas páginas em branco no final. O livro, com a carta, se é que existiu, desapareceu. Para o texto da carta, veja as páginas 14 a 17 do Evangelho Secreto de Morton Smith.

A carta responde a algumas acusações feitas por um grupo gnóstico chamado Carpocratianos, que tinha uma versão diferente do Evangelho de Marcos, que incluía materiais obscenos usados para justificar a sua imoralidade sexual. Clement diz que tem uma versão secreta mais longa do próprio Mark, sem incluir o material obsceno, que os Carpocratianos roubaram e depois corromperam para seu grupo libertino. Smith fica do lado dos Carpocratianos ao afirmar que Jesus é realmente um mágico gnóstico libertino e que isso explica seus milagres, suas reivindicações pessoais à divindade, seu sigilo e suas declarações sobre a lei, ou seja, que os homens não são responsáveis pela lei de forma alguma. .

Se isso é uma fraude, não é uma fraude desajeitada, ok. Clemente estava interessado nesses tópicos. A carta lembra o estilo de Clement.

Se for uma falsificação, o escritor sabia pelo menos tanto quanto Morton Smith, o que é uma pista interessante, e isso levou à sugestão de que Morton Smith, de fato, inventou tudo isso e certificou-se de que o manuscrito não sobrevivesse. para que sua tinta seja examinada ou algo desse tipo. Você pode dizer que ninguém faria coisas assim, não é? Bem, temos um caso verificado em relação ao Mormonismo.

Não estou pensando em Joseph Smith na década de 1840, embora eu ache que provavelmente seja isso, mas em um cara bastante recente.

Se você fizer uma busca no Google sobre fraudes mórmons recentes e manuscritos mórmons fraudulentos, você pode ver algum material nessa direção. Como estamos indo com o tempo? Ok, queremos dar uma olhada rápida aqui no Jesus Seminar, que fez muito barulho público nos últimos 10-15 anos. O Jesus Seminar é um grupo de pesquisadores radicais do Novo Testamento que se reúnem há 20 anos ou mais para produzir uma apresentação acadêmica sobre Jesus que, na visão deles, vai explodir o cristianismo tradicional.

Eles recebem ampla publicidade na mídia sempre que se encontram, o que Wallace acontecia a cada seis meses, e em 1993, eles apresentaram sua primeira produção em livro. Este foi o livro editado por Robert Funk, Roy Hoover e o Jesus Seminar chamado *The Five Gospels, The Search for the Authentic Words of Jesus*, New York Macmillan, 1993. Quero dar-lhes um pequeno esboço de onde eles estão indo, e os resultados que eles obtêm, e então isso encerrará nossa discussão aqui sobre as vidas liberais de Cristo, se você quiser.

Na parte inicial do livro, das páginas dois a cinco, eles apresentam os sete pilares da sabedoria acadêmica. São essas crenças ou ensinamentos nos quais tudo se baseia. O primeiro é o Jesus da História versus o Cristo da Fé.

É uma grande diferença entre o Cristo em que as pessoas acreditam e o Jesus da História. O segundo é o Jesus dos Sinópticos versus o Jesus de João, e afirmam optar pelo Jesus da História e pelo Jesus dos Sinópticos. A terceira afirmação é a prioridade de Marcos, de que o Evangelho de Marcos foi escrito primeiro.

A quarta é a existência de Q. Voltaremos e discutiremos isso mais em conexão com o problema sinóptico, mas é um suposto documento que continha ensinamentos, particularmente ditos de Jesus, e que foi usado por Mateus e Lucas junto com Marcos. Assim, Marcos e Q foram combinados de maneiras ligeiramente diferentes por Mateus e Lucas para formar seus Evangelhos. O quinto pilar, se preferir, é o Jesus escatológico versus o Jesus não escatológico.

Então, qual é o verdadeiro Jesus? Outros dois. Seis, cultura oral versus cultura impressa. Então, eles farão muita transmissão oral do material do Evangelho antes de ser escrito.

Discutiremos isso em nossa discussão sobre crítica de forma. O número sete é um princípio cético de que os Evangelhos são considerados não-históricos, a menos que se prove o contrário. Bem, não temos máquinas do tempo, ok? Essa é uma maneira um tanto estranha de abordar documentos históricos.

Se fizermos isso em geral, você realmente não sabe nada sobre história, ok? Mas tem muito a ver com o que mencionamos anteriormente, a rejeição do milagroso, e se o milagroso não pode ocorrer, então os Evangelhos não podem ser muito confiáveis. Eles então fornecem um monte de regras para evidências escritas e regras para evidências orais, e eu as lerei para você, mas não as discutiremos em lugar nenhum aqui. Regras de evidência escrita, agrupamento e contextualização .

Os evangelistas frequentemente agrupam ditos e parábolas em grupos que não se originaram com Jesus. Então, a ideia é que eles reorganizaram esse material. Em segundo lugar, os evangelistas frequentemente reposicionam ditos e parábolas ou inventam um novo contexto narrativo para eles. Depois, a revisão e o comentário.

Número três, os evangelistas frequentemente expandem ditos ou parábolas ou fornecem-lhes uma sobreposição ou comentário interpretativo.

E quarto, os evangelistas muitas vezes revisam ou editam ditos para adequá-los à sua própria linguagem, estilo ou ponto de vista individual – atribuição falsa.

Número cinco, palavras emprestadas do fundo do conhecimento comum ou das escrituras gregas são frequentemente colocadas nos lábios de Jesus.

Seis, os evangelistas frequentemente atribuem as suas próprias declarações a Jesus – declarações difíceis.

Sete, as palavras duras são frequentemente suavizadas no processo de transmissão para adaptá-las às condições da vida diária.

Oito, variações em ditos difíceis muitas vezes traem a luta da comunidade cristã primitiva para interpretar ou adaptar ditos à sua própria situação. E então quatro deles, Cristianizando Jesus.

Nove, os ditos ou parábolas expressos em linguagem cristã são criação dos evangelistas ou de seus predecessores cristãos. Lembre-se da situação judaico-cristã com as palavras de Jesus.

Dez ditos ou parábolas que contrastam com a linguagem ou ponto de vista do evangelho em que estão inseridos refletem tradições mais antigas, mas não necessariamente tradições que se originaram com Jesus. Onze, a comunidade cristã desenvolve declarações apologéticas para defender as reivindicações e às vezes os atributos, e às vezes, tais declarações são atribuídas a Jesus. Doze ditos e narrativas que refletem o conhecimento de eventos que ocorreram após a morte de Jesus são criações dos evangelistas ou da tradição oral anterior a eles.

Não estamos realmente conseguindo nenhuma profecia cumprida – regras de evidência oral desde os evangelhos até Jesus. Primeiro, apenas ditos e parábolas que remontam ao período oral de 30 a 50 dC podem ter se originado com Jesus.

Segundo, ditos e parábolas testados em duas ou mais fontes independentes são mais antigos do que as fontes nas quais estão incorporados. Terceiro, ditos ou parábolas que são testados em dois contextos diferentes provavelmente circularam de forma independente em uma época anterior. Quarto, o mesmo conteúdo ou conteúdo semelhante atestado em duas ou mais formas diferentes teve vida própria e, portanto, pode resultar de uma antiga tradição.

Cinco tradições não escritas que são capturadas relativamente tarde pelos evangelhos escritos podem preservar tradições muito antigas: oralidade e memória. Seis, a memória oral retém melhor ditos e anedotas que são curtos, provocativos, memoráveis e frequentemente repetidos.

Sete, as palavras de Jesus registradas com mais frequência nos evangelhos sobreviventes assumem a forma de aforismos e parábolas. Oito, a camada mais antiga da tradição evangélica, é composta de aforismos e parábolas simples que circularam de boca em boca antes dos evangelhos escritos. Nove, os discípulos de Jesus lembraram-se do cerne ou essência dos ditos e parábolas, e não de suas palavras precisas, exceto em casos raros. Depois, há uma grande seção sobre a licença do contador de histórias.

Dez, para expressar o que Jesus imaginava ter dito em ocasiões particulares, Jesus diz-lhes: passemos para o outro lado. Onze, para resumir a mensagem de Jesus a Marcos, tal como Marcos a entende, o tempo acabou.

O governo imperial de Deus está se aproximando. Mude seus hábitos e confie nas boas novas. Para prever o resultado de sua própria história do evangelho e resumir o evangelho então sendo proclamado em sua comunidade, Marcos faz Jesus dizer que o filho de Adão está sendo entregue aos seus inimigos e eles acabarão matando-o e três dias depois ele for morto, ele ressuscitará.

Treze, para expressar a opinião de Marcos sobre os discípulos e outros, Marcos faz Jesus dizer aos discípulos assustados depois que a tempestade passou: por que vocês são tão covardes? Você ainda não confia em mim, não é? Quatorze, como Marcos associa a confiança à cura dos enfermos, ele faz Jesus dizer à mulher que acabou de curar, filha, a sua confiança te curou. A observação de Jesus é compreendida pela narrativa de Marcos à parte, e ele foi incapaz de realizar um único milagre ali, exceto que curou alguns impondo as mãos sobre eles, embora sempre ficasse chocado com a falta de confiança. Para justificar a prática posterior do jejum, apesar de Jesus e os seus primeiros discípulos não terem jejuado, chegarão os dias em que o noivo lhes será tirado e então eles jejuarão nesse dia.

Para obter a confissão correta, Jesus faz Marcos perguntar, Marcos faz Jesus perguntar: o que as pessoas estão dizendo sobre mim? Um pouco mais tarde na conversa ele pergunta: e você? Quem você diz que eu sou? E então Pedro responde: você é o ungido, que é o que os cristãos deveriam dizer – um discurso distinto. O discurso característico de Jesus era distinto.

Geralmente pode ser distinguido da tradição comum, caso contrário é inútil procurar as palavras autênticas de Jesus. 18. As parábolas e declarações de Jesus vão contra a corrente social e religiosa.

19. As palavras e parábolas de Jesus surpreendem e chocam. Eles caracteristicamente exigem a inversão de papéis ou frustram as expectativas cotidianas comuns.

20. As palavras e parábolas de Jesus são frequentemente caracterizadas pelo exagero, pelo humor e pelo paradoxo.

21. As imagens de Jesus são concretas e vivas. Seus ditos e parábolas são habitualmente metafóricos e sem aplicação explícita. E depois o sábio lacônico, o sábio de poucas palavras.

Jesus, via de regra, não inicia o diálogo ou o debate, nem se oferece para curar as pessoas.

23. Jesus raramente faz pronunciamentos ou fala de si mesmo na primeira pessoa.

24. Jesus não afirma ser o messias ungido. Bem, essas são algumas das abordagens que você vê no Seminário Jesus.

Um pouco sobre seus resultados: no livro Os Cinco Evangelhos, as palavras de Jesus estão impressas em cores. E eles usam vermelho porque Jesus, sem dúvida, disse isso ou algo muito parecido.

Pink, Jesus provavelmente disse algo assim. Gray, Jesus não disse isso, mas a ideia originada, contida, é próxima da sua. E preto, Jesus não disse isso.

Representa a perspectiva ou conteúdo de uma tradição posterior ou diferente. Bem, resultados. Um índice de ditos em letras vermelhas e rosa lista os ditos marcados em rosa ou vermelho nesta coisa.

Tenho uma pequena discussão aqui sobre como eles fazem a pontuação. Eles basicamente pegaram bolinhas de gude, e cada uma delas era bolinha de gude

vermelha, rosa, cinza e preta. Eles distribuíram uma cesta e você colocou aquela dizendo que eles estavam votando.

Assim, um índice de ditos vermelhos ou rosa lista os 90 ditos marcados em vermelho ou rosa, se preferir, com votos detalhados em suas diversas versões nos diferentes evangelhos. Isso está nas páginas 549 a 553 dos cinco evangelhos. De acordo com uma observação na página 5, 82% das palavras atribuídas a Jesus nos evangelhos não foram ditas por ele.

Preto ou cinza, se quiser. E assim, apenas 18% das palavras ditas por Jesus nos evangelhos são admitidas como suas, segundo o Seminário Jesus. Em Marcos, apenas um ditado é visto como vermelho autêntico.

O que é isso? Pague ao imperador o que pertence ao imperador e a Deus o que pertence a Deus. Poucos chegam ao rosa. Em João, apenas um ditado o torna rosa.

Um profeta não é respeitado em seu próprio território, João 444. Estas são suas próprias traduções, então elas têm um som atrevido do Brooklyn ou algo assim. O Evangelho de Tomé é classificado à frente de João, à frente de ambos, João e Marcos, com vários vermelhos e um pouco de rosa comparável a Mateus e Lucas.

Bem, resposta. O melhor livro que vi até agora em resposta ao trabalho do Jesus Seminar é *Jesus Under Fire*, de Michael Wilkins e JP Moreland. Os estudos modernos reinventam o Jesus histórico.

Algumas respostas específicas às vidas liberais em geral, algumas delas antes do Seminário de Jesus, etc. Craig Blomberg, excelente trabalho, *The Historical Reliability of the Gospels*, publicado pela InterVarsity em 87. Gregory Boyd, *Cynic Sage or Son of God, Recovering the Jesus real em uma era de respostas revisionistas*, 1995, Bridgepoint.

William Lane Craig, *Reasonable Faith, Christian Truth and Apologetics*, Crossway Books, 1994. Josh McDowell, acompanhado por um associado, Bill Wilson, faz o que você poderia dizer que é uma sequência de seu livro anterior, e este novo livro é *He Walked Among Us, Evidence for Historical Jesus, Here's Life*, 1988. E Robert B. Strimple, *The Modern Search for the Real Jesus*, uma pesquisa introdutória das raízes históricas da crítica do evangelho, *Presbyterian Reformed*, 1995.

Então fica uma sugestão aí.